

Clíticos em sentenças com redobro de objeto: contextos sintáticos, semânticos e discursivos do objeto redobrado por meio de um estudo comparativo

Clitics in sentences with double object: syntactic, semantic, and discursive contexts of the doubling object through a comparative study

Sirlene Freire dos Santos Pereira¹

Cristiane Namiuti²

Resumo

Objetiva-se analisar o redobro de clíticos pronominais, através de um estudo comparativo entre o Espanhol; Português Medieval; Português Clássico; Português Europeu; Português Brasileiro, assumindo uma abordagem gerativista. Nas ocorrências, a análise mostra que o redobro é condicionado por restrições impostas ao importe semântico-sintático do sintagma redobrado. Sintaticamente, em todas as variedades o objeto redobrado não pode ser um NP nu, devendo projetar uma capa funcional DP. Semanticamente, em Espanhol o objeto acusativo redobrado pode ser [+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO] [+/-ANIMADO] [+/-HUMANO] [+/-EGO, +/-TU]. O dativo pode ser [+REFERENCIAL] [+/-ESPECÍFICO] [+/-DEFINIDO] [+/-ANIMADO] [+/-HUMANO] [+/-EGO, +/-TU]; Em Português Medieval, Português Clássico, Português Europeu, o objeto acusativo/ dativo apresenta traços semânticos: [+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO] [+ANIMADO] [+HUMANO] [+/-EGO, +/-TU]. Em PB, objeto direto ou indireto apresenta os traços semânticos [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]], [+EGO, +TU], com contextos que envolvam pessoas. Discursivamente no PB, o redobro pode ser explicado pela necessidade enfática, enquanto nas demais variedades, pela Topicalização/ Focalização.

Palavras-chave: *Pronomes clíticos. Redobro. Restrições sintático-semânticas. Contextos discursivos*

Abstract

This paper aims to analyze the clitic doubling constructions, through a comparative study among Spanish; Medieval Portuguese; Classic Portuguese; European Portuguese; Brazilian Portuguese, in a generative approach. The analysis shows that the clitic doubling is conditioned by constraints imposed on the semantic-syntactic import. Syntactically, in all varieties the refolded object cannot be a naked NP, but must design a DP functional cover. Semantically, in Spanish the object can be [+ REFERENTIAL] [+ SPECIFIC] [+ DEFINED] [+/- ANIMATED] [+/- HUMAN] [+/- EGO, +/- TU]. The dative can be [+ REFERENTIAL] [+/- SPECIFIC] [+/- DEFINED] [+/- ANIMATED] [+/- HUMAN] [+/- EGO, +/- YOU]; In Medieval Portuguese, Classical Portuguese, European Portuguese, the accusative / dative object can be: [+ REFERENCIAL] [+ SPECIFIC] [+ DEFINED] [+ ANIMATED] [+ HUMAN] [+/- EGO, +/- TU]. In BP, direct or indirect object must have [[+ REFERENCIAL] [+ SPECIFIC] [+ DEFINED]], [+ EGO, +TU] features, with contexts involving people. Discursively in BP, clitic doubling constructions can be explained by the emphatic need, while in the other varieties the constructions can be explained by Topicalization / Focusing

Keywords: *Clitic pronouns. Doubling. Syntactic-semantic restrictions. Discursive contexts*

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2465-3703>.

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1451-8391>.

Recebido em: 01/10/2020.

Aceito em: 30/04/2021.

Introdução

Ao descrever o redobro de clíticos no Português Europeu (PE), Martins, (2013) observa que pronome clítico não pode ser o constituinte posto em relevo nas estruturas que envolvem focalização contrastiva muito provavelmente por estas construções demandar acento e o pronome clítico ser uma categoria desprovida de tonicidade acentual:

(1) *nasceu-lhe um dente, não à Maria (MARTINS, 2013, p. 5).

Um constituinte pronominal que seja semanticamente um foco contrastivo aparecerá realizado por dois elementos: um clítico (acusativo ou dativo) e um pronome forte ou sintagma nominal, com os mesmos traços de pessoa e número que o clítico, precedido da preposição a:

(2) nasceu-lhe um dente a ele, não à Maria (MARTINS, 2013, p. 5).

O clítico e o pronome forte a ele associado realizam, segundo Martins (2013) um único argumento verbal, desempenhando a forma forte, no plano prosódico, o papel que está vedado ao clítico.

A autora considera que, “neste caso, o pronome tônico duplica, ou ‘redobra’ o clítico (de forma a colmatar, para um fim particular, a sua natureza ‘fraca’, ou ‘deficiente’). À estrutura resultante chama-se construção de redobro do clítico” (MARTINS, 2013, p. 5).

Também em variedades do Espanhol (Es), tal fenômeno é bastante utilizado, sendo o uso da preposição também obrigatório:

(3) Le sacaron la muela del juicio a Juan (JAEGGLI, 1986, p. 151).

Já no Português Brasileiro (PB), o redobro de clíticos é menos produtivo e mais restritivo, consiste na “coocorrência de um pronome átono cliticizado ao verbo com um D/NP acusativo ou dativo em posição de argumento interno de um verbo transitivo da oração” (DINIZ, 2007, p. 08):

(4) eu te amo você (DINIZ, 2007).

Revisitando trabalhos que abordam o redobro de clíticos pronominais em variedades diacrônicas e sincrônicas do português (português medieval, português clássico, português europeu) e no espanhol, é possível perceber que os contextos de ocorrência do redobro do constituinte objeto por pronome clítico parecem ser mais amplos que aqueles apontados nos trabalhos sobre Português Brasileiro contemporâneo. Assim, considerando a diferença em relação as possibilidades do redobro do clítico observada nas fases diacrônicas e variedades do português e no espanhol, questiona-se: quais são as restrições sintático-semânticas que permitem/bloqueiam a ocorrência do fenômeno estudado? Com base nessa indagação, investigaremos as restrições sintático-semânticas do objeto redobrado nessas variedades e

assumimos a hipótese de que existem determinadas restrições sintáticas e semânticas que condicionam a ocorrência do redobro no PB e nas demais variedades estudadas. A hipótese se sustenta em estudos como os de Diniz (2007) que apresenta restrições sintáticas e semânticas nas quais o objeto redobrado deve estar sujeito em contextos com redobro no PB.³

Sobre a noção de traços

De acordo com o que propõe Chomsky (1995), as operações que compõem o sistema computacional (Select, Merge, Agree/Move) atuam sobre um conjunto de itens lexicais e traços selecionados conforme uma determinada intenção de fala. Singularmente, o sistema computacional atua sobre os traços formais/gramaticais dos itens lexicais, para que um determinado momento da derivação sintática, em que permanecem apenas traços fonológicos, semânticos ou formais suscetíveis de interpretação, seja enviado a cada uma das interfaces – fonética e semântica- a informação necessária aos sistemas de desempenho. Então, a seleção dos itens lexicais e dos traços para a Numeração (componente inicial na arquitetura gramatical proposta por Chomsky) determina a atuação das operações do sistema computacional e a quantidade de vezes que os itens aparecerão na numeração.

Não obstante, na ciência Linguística, a noção de traço como unidade mínima possui suas bases em ideias apresentadas pelos estudiosos da Escola de Praga (1928-1939). Porém, a ideia de traço que se tem hoje como sendo os *átomos da linguagem humana*, não foi totalmente definida nessa época.

Esses estudos iniciais circunscritos aos estudos fonológicos possibilitaram a formação básica para a constituição da noção de *feixe de traços distintivos*, e, segundo Santos (2013, p. 10), essa foi a noção com a qual Bloomfield, “fundador da Linguística Estruturalista Norte-Americana [descreveu] uma variedade de línguas indígenas da América do Norte, [e] definiu o fonema, na década de 1930”. Isso porque para Bloomfield, “cada fonema podia ser analisado puramente como um conjunto de traços retirado das possibilidades de certa língua [...]” (SANTOS, 2013, p. 10).

Posteriormente, segundo Santos (2013), essas ideias foram retomadas por Chomsky (1965) e Chomsky e Halle (1968),

para a descrição de um conjunto finito de traços distintivos, aplicável a qualquer fonema. A principal finalidade dessa iniciativa era demonstrar a universalidade dos traços com os quais todos os segmentos fonéticos eram construídos (SANTOS, 2013, p. 10).

Já a noção de traço como unidade mínima (átomo da linguagem), na teoria gerativa, começa a ganhar força e forma nas décadas de 80 e 90 com os trabalhos de Anderson sobre a morfologia flexional e sua relevância para a sintaxe. De acordo com Sândalo (2001), para

³ As reflexões aqui apresentadas são oriundas de pesquisa realizada no âmbito dos projetos temáticos - Fapesp 2012/06078-9, Fapesb APP0007/2016, Fapesb APP0014/2016 e CNPq 471753/2014-9 - e contemplam resultados da dissertação de mestrado “Restrições sintático-semânticas do objeto redobrado: um estudo comparativo do redobro de clítico”, defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB por Sirlene Freire dos Santos Pereira em 2018, orientada por Cristiane Namiuti.

Anderson (1992), morfemas são um epifenômeno, e, assim como para o fonema, também a unidade mínima para a morfologia e a sintaxe seriam os traços. Ainda segundo o autor:

a estrutura da palavra pode ser entendida apenas como um produto de princípios em interação provenientes de muitas partes da gramática: ao menos da fonologia, da sintaxe e da semântica, em adição ao "léxico". Como tal, não é uma teoria que lida com o conteúdo de uma caixa num diagrama de fluxo típico, mas, ao invés, uma teoria de um domínio substantivo, cujo conteúdo é disperso através da gramática (ANDERSON, 1992 apud SÂNDALO, 2001, p. 197).

A noção da existência de traços (fonológicos, sintáticos e semânticos) pode ser observada já em Chomsky (1965), perpassando pelos modelos gerativistas até o Programa Minimalista (Chomsky 1995, 1998, 1999, 2001). Por conseguinte, no Gerativismo, os traços sintáticos e semânticos podem ser considerados de duas formas: os traços não interpretáveis (formais ou sintáticos) e os traços interpretáveis (semânticos). Ambos estão contidos no Léxico e são acessados durante o processamento da linguagem. Esses traços são regidos de acordo com a língua do falante e a realização morfofonológica depende da valorização positiva ou negativa de cada traço. (CHOMSKY, 1995). A noção de traço é, portanto, indispensável para estudos linguísticos que envolvem sintaxe e semântica em uma abordagem gerativista.

A partir da teorização dos traços, as diversas áreas da linguística adotaram, em seu caráter analítico, essa ideia de segmentação mínima distintiva dos sintagmas, unidades e constituintes. Em consequência, a noção de traço, passou a abranger outras áreas e modelos teóricos, além de seu modelo teórico de origem, o Estruturalismo.

A partir disso, os estudos gerativistas atuais utilizam “a ideia de *feixe de traços* para explicar mais completamente a constituição de itens lexicais” (SANTOS, 2013, p. 09).

É importante acrescentar que os traços formais (ou sintáticos) que entram nas operações sintáticas que envolvem *Agr* (concordância verbal) e os traços *Match* (de checagem, do sujeito pelo verbo) são conhecidos na teoria gerativista, de acordo com Carvalho (1984), por traços- φ (referentes à pessoa, ao número, ao gênero). Nesse viés, percebe-se que há uma carga semântica e que esses traços participam também das operações que ocorrem dentro da Sintaxe Estreita. Os traços formais, portanto, possuem, acima de tudo, funções sintáticas bem definidas e, na maioria das vezes, bem perceptíveis na computação da linguagem.

Para indicar os traços semânticos, são utilizados, segundo Carvalho (1984), dois critérios. O primeiro é a *teoria dos traços contrastivos*, que foi introduzida por Chomsky e que se “inspira na teoria dos traços fonológicos binários de Jakobson”. De acordo com Carvalho (1984), esse critério consiste em marcar com os sinais positivo (+) ou negativo (-) a presença ou ausência de determinada propriedade semântica na significação da palavra. Assim, por exemplo, se a palavra for dotada do traço *definitude* apresentará [+ DEFINIDO], caso contrário apresentará [- DEFINIDO]. O segundo critério, conforme Carvalho (1984), foi proposto por Gruber (1976) e consiste em especificar apenas as categorias semânticas que a palavra possui. Considerando o mesmo exemplo, o traço semântico DEFINIDO fica indicado apenas como DEFINIDO, se a palavra o possuir, se não, usam-se apenas dois asteriscos (**). Neste trabalho a primeira notação é utilizada.

Sobre os traços semânticos

Diniz (2007) apresenta os traços semânticos que considera pertinentes para explicar o fenômeno do redobro de clíticos pronominais. Segundo a autora, uma maneira de explicar semanticamente o fenômeno tem sido através do traço **referencialidade** definido por Anagnostopoulou (1999) como uma escala de categorias cuja ordenação depende da facilidade ou não de se localizar o *referente*. Ou seja, “X₂ apresentará maior grau de referencialidade que X₁ se, e somente se, i₂ de X₂ for mais fácil de se encontrar que o referente i₁ de X₁ [...]” (DINIZ, 2007, p. 86). Segundo Diniz (2007), Bleam (1999, p. 118), seguindo essa mesma abordagem, “afirma que ‘referente único’ ou ‘identificabilidade’ são propriedades às quais o redobro de clíticos é sensível”. Todavia, Diniz afirma que somente a *referencialidade* não é suficiente para explicar as ocorrências do redobro, uma vez que considerando apenas a *referencialidade* somente os DPs [+REFERENCIAIS] poderiam ser redobrados. E problematiza essa questão da seguinte forma:

No redobro acusativo, por exemplo, o DP não pode ser [-ESPECÍFICO] e/ou [-DEFINIDO], embora um DP que contenha estes traços, pertença à classe dos DPs [+REFERENCIAIS]. Portanto, este é um problema para a proposta de Anagnostopoulou e de Bleam dado que dentro da classe dos elementos que licenciariam o redobro, i.e., dos [+REFERENCIAIS], teríamos também elementos que barram a formação deste tipo de estrutura (DINIZ, 2007, p. 86).

Diante disso, a autora propõe que para explicar o redobro é necessário considerar um feixe de traços, não contando apenas com o traço [+REFERENCIAL]. Esse conjunto de traços seria formado, em sua totalidade, por mais dois: A *especificidade* [+ ESPECÍFICO] e a *definitude* [+ DEFINIDO]. Sobre a *especificidade*, Diniz (2007), em uma tradução do que diz Suñer (1988, p. 178), anuncia que “o sentido que tem o termo ‘especificidade’ neste estudo é que o referente ou referentes de um NP [+ESPECÍFICO] possa identificar-se com um X concreto no contexto linguístico” (DINIZ, 2007, p. 86). Essa especificidade seria, então, para garantir uma aproximação com o referente como se esta característica servisse para indicar ao que exatamente se está referindo.

A definitude, por sua vez, se relaciona à “propriedade de familiaridade: um DP definido assinala que seu referente é uma entidade familiar no domínio do discurso. A definitude pode ser marcada lexicalmente em muitas línguas mediante artigos definidos [...]” (DINIZ, 2007, p. 87).

Os clíticos em contextos de redobro

As diferentes explicações teóricas sobre o estatuto dos pronomes clíticos resultam na formulação do questionamento sobre o que são realmente os clíticos dentro da categoria pronomes. Para Cardinaletti e Starke (1994), por exemplo, os pronomes são divididos entre clíticos, fracos e fortes e que os componentes “fracos” e “fortes” preenchem as posições de XP e os “clíticos” preenchem X₀. Os pronomes clíticos são possuidores de uma deficiência prosódico-sintática no que se relaciona à distribuição, não são, por exemplo, coordenáveis, ao contrário dos pronomes “fortes”.

Para Galves (1997), os clíticos aparecem relacionados a um papel de elementos de concordância. Em trabalho mais recente (GALVES *et al.*, 2005), a autora afirma que os

clíticos, por não possuírem autonomia sintática, estão subordinados à formação de palavras como os afixos, sendo, portanto, uma realização morfológica de traços funcionais. Com essa proposta também é possível estabelecer uma relação entre os clíticos e os morfemas de concordância. Essa autora destaca como semelhança entre os clíticos e os morfemas flexionais o fato de ambos serem fonologicamente dependentes dos verbos envolvidos no contexto linguístico e que não podem ocorrer sozinhos, principalmente nos casos de ênclise, são obrigatoriamente adjungidos ao verbo, não podendo haver entre o clítico e o verbo nenhum outro elemento⁴.

No que se refere aos clíticos envolvidos em situações de redobro, Diniz (2007) observa que existem algumas semelhanças com os clíticos em geral como a característica de serem “fonologicamente dependentes de um hospedeiro e nada pode intervir entre eles, exceto outros clíticos; não podem ser modificados nem coordenados; não aceitam acento contrastivo” (DINIZ, 2007, p. 100). No entanto, diferentemente dos clíticos em geral, a autora argumenta que os pronomes clíticos em construções de redobro não seriam argumentos verbais, assim como assumem Jaeggli (1986), Suñer (1988). Ainda segundo Diniz (2007), a valoração do traço de Caso ocorre entre o verbo e o D/NP_{OBJETO} que ocupa a posição de argumento interno excluindo a possibilidade de o clítico também ser um argumento do verbo.

Considerando que os clíticos não são argumentos verbais nas construções de redobro no PB, nem participam das operações de valorização de Caso, Diniz (2007) afirma que os clíticos não participariam da Sintaxe Estreita⁵. Mas que são inseridos diretamente nos verbos por meio de uma operação sintática após o Spell-Out⁶, o que de certa forma, segundo a autora, comprovaria sua natureza afixal. Logo, propõe que os clíticos em contextos de redobro podem ser interpretados como sendo o reflexo da cópia de traços-phi (pessoa, número e gênero) do D/NP no núcleo verbal, uma vez que em uma sentença com redobro, o clítico apresenta os mesmos traços que o D/NP argumento interno do verbo. Assim, Diniz (2007) considera que os clíticos em construção de redobro:

- A) São cópias de traços-phi do D/NP no verbo;
- B) São (morfo) fonologicamente dependentes de um hospedeiro – o verbo;
- C) Não participam dos mecanismos de valoração de Caso e atribuição de papel temático.

Acompanhando a proposta de Alexiadou e Anagnostopoulou (2001) e de Bobaljik (2006), Diniz (2007) considera ainda que a cópia de traços-phi ocorre no componente pós-sintático. Assim, a inserção tardia de traços se dará somente no nível PF (phonological form). Com essa proposta, os clíticos não alcançam a interface semântica, pois a autora assume assim como Bobaljik (2006), que os traços-phi não interferem na interpretação semântica das sentenças. Isso significa que se os clíticos em contextos de redobro são apenas realização de traços-phi e sua presença não altera o significado da sentença. Desse modo, também não participam da Sintaxe Estreita como pode ser visualizado no esquema a seguir:

⁴ Esta situação de contiguidade entre o clítico e o verbo não se sustenta nos contextos proclíticos, sobretudo em fases antigas do português, mas também em dialetos modernos. Os contextos de próclise categórica são contextos potenciais para a interpolação de constituintes entre o clítico e o verbo (cf. Namiuti, 2008).

⁵ Componente das estruturas em que ocorrem unicamente os processos sintáticos.

⁶ *Spell-Out* é, segundo Chomsky (1995), o momento da derivação em que traços fonológicos são conduzidos para a Forma Fonética, e os traços semânticos para a Forma Lógica.

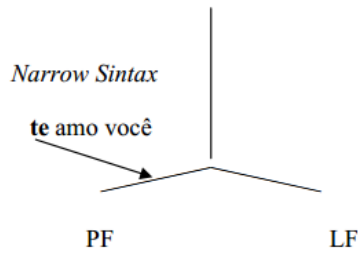


Figura : Inserção do clítico em PF. Fonte: Diniz (2007, p. 106).

Contudo, consideramos que essa proposta da autora não é suficiente para explicar a natureza dos clíticos em situações de redobro, uma vez que se os clíticos envolvidos nesse contexto apresentam uma relação com a necessidade de ênfase ou relacionados a fenômenos discursivos como a Topicalização e a Focalização, logo sua presença altera o significado da sentença, sendo, portanto, o redobro um fenômeno morfossemântico.

Logo, para descrever e compreender a natureza do fenômeno do redobro de clíticos pronominais, observaremos os traços restritivos apresentados nas conceituações. Partiremos da análise das restrições comuns entre as variedades, como o traço semântico [+REFERENCIAL] que é um traço presente em contextos de redobro em todas as variedades consideradas na análise. E outros traços semânticos como a definitude e a especificidade para fins de comparação. Verificaremos os parâmetros que diferenciam a ocorrência do fenômeno entre as línguas e ainda os contextos discursivos presentes em contexto de redobro de clítico.

Corpora e metodologia utilizados

A pesquisa sobre o fenômeno do redobro de objeto é desenvolvida por metodologia de descrição qualitativa comparada, pois o estudo qualitativo das ocorrências do fenômeno nas variedades do Português e no Espanhol ajudará a explicar a natureza da duplicação de complementos nas línguas ibero-românicas, podendo contribuir para a compreensão do fenômeno nas línguas naturais. Para compor a pesquisa recorreremos à consulta de sentenças em contextos de redobro de clíticos pronominais em *Corpus* e na revisita de trabalhos pertinentes à nossa abordagem e fazemos uso do quadro teórico de Princípios e Parâmetros no seu modelo minimalista.

Seguindo a escolha dos dados da seguinte forma:

- Dados do Espanhol: coletados dos trabalhos de Jaeggli (1986) e de Suñer (1988);
- Dados do Português Medieval: coletados nos trabalhos de Castilho (2005 e 2006);
- Dados do Português Clássico: coletados no trabalho de Gibrail (2003);
- Dados do Português Europeu: coletados do Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe - Cordial-SIN (<http://www.clul.ulisboa.pt/projeto/cordial-sin-corpus-dialectal-para-o-estudo-da-sintaxe>);

- E por fim, os dados do Português Brasileiro: elencados a partir da revisita do trabalho de Diniz (2007) que apresenta o redobro via dialeto mineiro e de um trabalho anterior de nossa autoria Pereira (2015) que apresenta as sentenças redobradas em dados naturais coletados na internet e em falas espontâneas, relativos a diferentes variedades do português brasileiro contemporâneo.

Resultados

As restrições semânticas do D/NP redobrado nas variedades consideradas

No Espanhol

O D/NP OBJETO DIRETO, no espanhol, pode ser animado ou inanimado, contudo deve ser, [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]], conforme se vê nos dados a seguir:

(5) *Lo a vi Juan* (JAEGGLI, 1986, p. 164).

O vi a Juan.

“Vi-o Juan.”

(6) *Yo la tenía prevista esta muerte* (SUÑER, 1988, p. 180).

Eu a tinha prevista esta morte.

“Eu tinha previsto/a esta morte.”

O dado exemplificado em (5) contrasta com o dado em (6) no valor do traço de animacidade e humanidade, enquanto (5) é [+ ANIMADO] e [+HUMANO], (6) é [- ANIMADO] e [- HUMANO]. Porém, independente dos traços de animacidade e humanidade, ambos objetos diretos redobrados são referenciais, específicos e definidos. Todavia é importante notar que o na variedade do espanhol; contemplada nos trabalhos de JAEGGLI (1986) e Sunñer (1988) o uso da preposição introduzindo o objeto direto redobrado não foi atestado nesses exemplos, o que indica que esse uso é facultativo na língua/variedade apresentada.

Continuando, em espanhol, quando a posição de objeto for ocupada por um quantificador como *todo (s) / toda (s)* pode ocorrer o redobro, conforme sinaliza a sentenças em (7), desde que não modificado por um demonstrativo neutro como *esto (isto) / aquello (aquilo)*, como ocorre na sentença (8), fato que reforça a hipótese da relevância do traço [DEFINITUDE] combinada ao traço de [ESPECIFICIDADE] no fenômeno do redobro em espanhol.

(7) *Ya los había presentado a todos ellos cuando...* (SUÑER, 1988, p. 187).

Já os havia apresentado a todos eles quando...

“Já havia apresentado todos eles quando...”

- (8) **Lo vi todo eso* (SUÑER, 1988, p. 187).

O vi tudo isso.

“Vi tudo isso.”

De acordo com Suñer (1988), sentenças como (8) são agramaticais devido aos traços dos demonstrativos chocarem com a especificidade do clítico. Em adição ao que é apresentado por Suñer, importa notar que o demonstrativo carrega no seu feixe de traços de definitude a dêixis enquanto o pronome clítico não possui traço dêitico.

Também não pode ocorrer redobro em espanhol quando o “DP objeto direto vem realizado por um objeto indefinido ou por pronomes (animados) indefinidos, como *alguien* (alguém) e *nadie* (ninguém)” (DINIZ, 2007, p. 74), conforme o dado trazido no exemplo (9), ou ainda, por DPs [-ESPECÍFICOS] como em (10):

- (9) **La vi a una mujer* (DINIZ, 2007, p. 75).

**A vi a uma mulher.*

“Vi uma mulher.”

- (10) **Las conoces a muchas personas* (LEONETTI, 2002).

**As conheces a muitas pessoas.*

“Você conhece muitas pessoas.”

Já o redobro de DP objeto indireto, ou seja, objetos dativos, pode ocorrer da mesma forma que os redobros de objeto direto, ou seja, com DPs [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]], como na sentença do exemplo (11):

- (11) *Les corté los ruedos a esas / a tres polleras* (SUÑER, 1988, p. 177).

Lhes cortei a roda a essas / a três saias.

“Cortei a roda dessas /de três saias.”

Todavia, o redobro de objetos indiretos também foi atestado com D/NPs DATIVOS [-ESPECÍFICOS] e [-DEFINIDOS], porém devem ser sempre [+REFERENCIAIS], como em (12):

- (12) *No le di nada a nadie* (DINIZ, 2007, p. 77).

No lhe dei nada a ninguém.

“Não dei nada a ninguém.”

Em suma, observa-se que em espanhol o redobro com objeto acusativo pode ser animado ou inanimado, porém deve possuir o feixe de traços [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]]. Já o redobro de objeto dativo pode em alguns contextos,

apresentar o feixe de traços [+/-ESPECÍFICOS] e [+/-DEFINIDOS], mas devendo ser sempre [+REFERENCIAIS].

No Português Medieval

Os dados de redobro de objeto direto e indireto no português medieval, retirados dos trabalhos de Castilho (2005-2006), apresentam os traços [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]] no D/NP redobrado, como podemos verificar nos exemplos.

(13) [...] se este he o seu filho Joane de que *me a mim* alguuas vezes fallarom. [XV CDP 276:25] p. 27] [clítico dativo como redobro de um SP] (CASTILHO, 2006, p. 193).

(14) Rogo-*te a ti*, padre, que me diga se devemos creer que o fogo do inferno he hũũ ou se ha hi tantos fogos no inferno[...] [XIV DSG 222:24] (CASTILHO, 2005, p. 136).

(15) [...] e entom aguilharom mais de X a Paramades e matorom-lhe o cavalo e chagarom-*no a el* de muitas chagas. [XIII SG 325:8] [Clítico acusativo como redobro de um SN/SP] (CASTILHO, 2006, p. 193).

(16) A dona Mercês matou o criado e o Infante matou- *a a ela* (CRPC, C. Pires, *Delfim*) (CASTILHO, 2005, p. 136).

Os dados revelam ainda que os clíticos redobrados, além do feixe de traços [+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO], carregam os traços [+ANIMADO] e [+HUMANO]. Também é importante destacar que tanto o redobro de objeto indireto ((13), (14) e (15)), quanto o redobro de objeto direto ((16)) são parcados por preposição.

No Português Clássico

Assim como o PM, o PC apresenta clíticos redobrando D/NPs [+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO] [+ANIMADO] [+HUMANO], sendo a maioria dos casos de objetos redobrados pronomes introduzidos por preposição tanto no caso de objetos diretos (acusativos) quanto no caso de objetos indiretos (dativos), acrescentamos aqui a importância do traço pessoa no conjunto de traços relevantes para o redobro ([+/-EGO] [+/-TU]), como se pode verificar nos exemplos (17) e (18):

(17) Sabia que *me* queria elle matar *a mim*, por mexericos que homens (F. Mendes Pinto, séc XVI; p. 59) (GIBRAIL, 2004, p. 105).

(18) Ainda que *lhe* bem pareça *a elle* nem a todos, este não crerá nem terá por bom. (F. de Holanda; séc XVI, p. 56) (GIBRAIL, 2004, p. 105).

Casos de redobro de DNPs marcados com quantificação universal “todos/as” também foram atestados com possibilidade de não marcar o objeto redobrado por preposição nesse caso((20)).

(19) que os tratavam de *os matar a todos* (D. Couto; séc. XVI, p. 127) (GIBRAIL, 2004, p. 106).

(20) achando-*os todos* vivos (D. Couto; séc. XVI, p. 127); (GIBRAIL, 2004, p. 106).

No Português Europeu

Para a descrição do redobro em PE, tomamos como ponto de partida Martins (2013) e observamos dados de redobro do coletados do Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe - Cordial-SIN. O redobro de objeto direto acontece nessa variedade do português com os mesmos tipos de D/NPs no PM e PCI, ou seja, com D/NPs [+REFERENCIAL], [+ESPECÍFICO], [+DEFINIDO] e [+HUMANO]. Como nessa variedade também há redobro com a terceira pessoa o objeto pode ser [+/-EGO], [+/-TU] ((2)).

(21) também *nos pica a nós?* (Castro Laboreiro- Viana do Castelo, CORDIAL-SIN, CTL34-N, p. 45).

Importa salientar que nessa variedade (PE) o uso da preposição introduzindo os D/NPs redobrados é obrigatória, mesmo nos casos dos objetos acusativos.

No Português Brasileiro

Os dados de redobro de pronomes clíticos no PB sempre apresentam os traços [+EGO] [+TU], sugerindo uma maior restrição ao fenômeno:

(22) Eu vou *te* levar *você* lá no carro (DINIZ, 2007, p. 49).

(23) Ele *me* escreveu uma carta *pra mim* [Fala espontânea] (PEREIRA, 2015, p. 33).

Pela restrição do traço de pessoa em PB, espera-se que o D/NP redobrado deva ser também [+HUMANO], o que se confirma, sendo ainda [+DEFINIDO], como afirma Diniz (2007, p. 71-72), os “pronomes eu e você são participantes ativos numa instância discursiva, ou seja, são elementos atuantes e evidentes no ato de enunciação”. Ainda segundo essa autora, parafraseando o que afirma Suñer (1989), “pronomes pessoais em posição de argumento se referem a uma pessoa definida e são, portanto, [+ESPECÍFICOS]” (DINIZ, 2007, p. 72). Desse modo, os D/NPs redobrados em PB devem apresentar o feixe de traços [[+EGO, +TU][+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]].

Com base nas descrições do feixe de traços condicionantes para o redobro em cada variedade, elaboramos o quadro síntese que se segue:

Quadro (1): Traços semânticos do objeto redobrado nas variedades.

	Espanhol	PM	PC	PE	PB
A	[+REFERENCIAL]	[+REFERENCIAL]	[+REFERENCIAL]	[+REFERENCIAL]	[+REFERENCIAL]
	[+ESPECÍFICO]	[+ESPECÍFICO]	[+ESPECÍFICO]	[+ESPECÍFICO]	[+ESPECÍFICO]
	[+DEFINIDO]	[+DEFINIDO]	[+DEFINIDO]	[+DEFINIDO]	[+DEFINIDO]
	[+/-ANIMADO]	[+ ANIMADO]	[+ ANIMADO]	[+ ANIMADO]	[+ ANIMADO]
	[+/-HUMANO]	[+HUMANO]	[+HUMANO]	[+HUMANO]	[+HUMANO]
	[+/-EGO, +/-TU]	[+/-EGO, +/-TU]	[+/-EGO, +/-TU]	[+/-EGO, +/-TU]	[+EGO, +TU]
D	[+REFERENCIAL]	[+REFERENCIAL]	[+REFERENCIAL]	[+REFERENCIAL]	[+REFERENCIAL]
	[+/-ESPECÍFICO]	[+ESPECÍFICO]	[+ESPECÍFICO]	[+ESPECÍFICO]	[+ESPECÍFICO]
	[+/-DEFINIDO]	[+DEFINIDO]	[+DEFINIDO]	[+DEFINIDO]	[+DEFINIDO]
	[+/-ANIMADO]	[+ ANIMADO]	[+ ANIMADO]	[+ ANIMADO]	[+ ANIMADO]
	[+/-HUMANO]	[+HUMANO]	[+HUMANO]	[+HUMANO]	[+HUMANO]
	[+/-EGO, +/-TU]	[+/-EGO, +/-TU]	[+/-EGO, +/-TU]	[+/-EGO, +/-TU]	[+EGO, +TU]

Fonte: Pereira (2018), inspirado em Diniz (2007).

Ao comparar o redobro do clítico nas variedades de língua consideradas vemos que O PB possui maior restrição em relação aos valores dos traços, o Es é a variedade com maior amplitude admitindo redobro de objetos [- ANIMADO], enquanto as variedades diacrônicas e o PE apresenta mais restrições aos traço do objeto, mas admite a 3ª. pessoa, além da 1ª e da 2ª. Apenas o Es apresentou diferença em relação aos tipos de objeto, se acusativo ou dativo. O objeto dativo em ES com traço -específico pode ser redobrado (caso dos pronomes indefinidos, ex. (12)). Na comparação, o traço [+ REFERENCIAL] mostrou-se universal para o redobro, em todas as variedades os objetos redobrados atestaram sempre um valor positivo para esse traço.

O contexto sintático

Diniz (2007) afirma que, do ponto de vista sintático, não é qualquer objeto de um verbo transitivo que pode ser redobrado⁷. Diante disso, a autora propõe que é possível

⁷ Diniz (2007) parte da proposta de Laka (1993) de que os traços semânticos que o DP apresenta se concretizam na sintaxe por meio de uma capa funcional preenchida, dessa forma, o objeto precisa ser um NP que projete um nível funcional DP”. A língua estudada por Laka (1993), é o Basco, e nessa língua “o DP argumento interno deve ser sempre nucleado por um determinante, um quantificador ou um demonstrativo para que ele se mova para fora do VP para receber Caso estrutural” (DINIZ, 2007, p.92). Assim, segundo Laka (1993) *apud* Diniz (2007), “é esta exigência sintática que permite o movimento do objeto para uma posição funcional acima de VP” e “quando o sintagma nominal não é nucleado por um determinante, tem-se uma estrutura mal formada no Basco” (DINIZ, 2007, p. 92-93). A proposta de Laka (1993) pode ser assim resumida: “constituintes DPs devem se mover para fora do VP, para [Spec, Agr] onde eles checam os traços D. Os dados do basco indicam que este movimento obedece a um requerimento morfológico crucial: presença ou ausência de determinante”

examinar a realização morfossintática dos sintagmas em contextos de redobro. Para a autora, o importante semântico-configuracional [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]] está presente em contextos de redobro em concordância com o que afirma Diniz (2007, p. 92): são “estas propriedades denotacionais da categoria D° que licenciam o redobro”. Assim, em relação a restrição sintática, a autora afirma que apenas quando a categoria funcional DP for projetada é que haverá o fenômeno do redobro. E como

Nomes próprios e pronomes pessoais apresentam intrinsecamente, um traço D, o qual determina que esta categoria funcional deve estar abstratamente preenchida, muito embora ela nem sempre tenha efeitos na fonologia das línguas. Por esta razão é possível encontrar redobro tanto de nomes próprios, quanto de pronomes pessoais (DINIZ, 2007, p. 95).

Esse requisito pode também ser observado em casos de deslocação à esquerda clítica com dativo de posse no português e que nesses casos “quando há ausência da categoria D° não é possível obter uma interpretação de [+POSSUIDOR] e a derivação não converge” (DINIZ, 2007, p. 93-94). Isso pode ser verificado a seguir, em sentenças elencadas por Diniz (2007), importa salientar que esses dados não são de redobro, mas de deslocação à esquerda clítica:

(24) a. A mãe cortou-*lhe* as unhas (DINIZ, 2007, p. 94).

b.* A mãe cortou-*lhe* unhas

(25) a. Viu-*lhe* a filha (DINIZ, 2007, p. 94).

b. * Viu-*lhe* filha

Diniz ainda argumenta que, mesmo em espanhol, sentenças com redobro quando se tem um NP nu são agramaticais:

(26) a. *Los* vi a *los niños* (DINIZ, 2007, p. 94).

b. * *Los* vi a *niños*.

Assim, propõe Diniz (2007) que para ser redobrado “o NP deve projetar um nível funcional DP acima da projeção lexical NP” (DINIZ, 2007, p. 94), conforme figura abaixo:

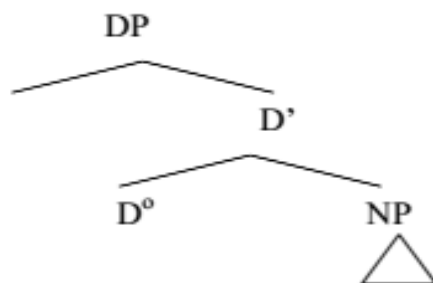


Figura : Projeção sintática do D/NP redobrado. Fonte: (DINIZ, 2007, p. 94).

(DINIZ, 2007, p. 93).

Com relação aos traços dos DPs redobrados, importa salientar também que, ao menos em algumas variedades do Es., os traços [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]] não são obrigatórios para o fenômeno do redobro, pois foi atestado pronome indefinido como objeto dativo redobrado ((12)).

Sobre os contextos discursivos

De acordo com Bittencourt (2009) as análises referentes aos clíticos revelam-se complexas por envolverem três níveis: o sintático (considerando a estrutura argumental do verbo “hospedeiro” e os traços categoriais do clítico); o semântico (considerando o papel temático ou função semântica dos argumentos e o tipo de verbo) e o discursivo (considerando a referência dos argumentos representados pelo clítico) [...]. Estudos como os de Galves e Faria (2010), com o Corpus Anotado do Português Histórico - Tycho Brahe, destacam a importância da relação entre a natureza semântica e a natureza sintática, uma vez que o conteúdo informacional da sentença parece ser relevante para a sintaxe dos clíticos. Então, considerando esse viés discursivo e as referências argumentais apresentadas pelos clíticos, em contexto de redobro, propomos refletir sobre o fenômeno nessa perspectiva discursiva.

Por essa razão, propomos que além das restrições de ordem sintático-semântica aqui apresentadas, também é possível se estudar o redobro, investigando o conteúdo discursivo-informacional das sentenças.

Os conceitos de referencialidade, especificidade e definitude, utilizados para a descrição semântica, revelam que o D/NP faz referência a um elemento específico no ambiente discursivo. E essas categorias semânticas se relacionam diretamente com o conteúdo informacional presente no contexto discursivo das sentenças com redobro.

Nos trabalhos revisitados, há menção da relação entre o redobro e os contextos informacionais discursivos:

Castilho (2005) explica o redobrimento sintático por meio da propriedade de ênfase, pois o fenômeno é acionado quando o efeito semântico resultante de uma estrutura se desgasta, ou seja, perde seu potencial enfático. Nesse contexto, a língua se autorregula procurando em sua gramática algum constituinte para recuperar o efeito semântico-informacional perdido.

Gibrail (2003) relaciona os fenômenos que envolvem a sintaxe dos clíticos pronominais na diacronia do português e também as ocorrências de redobro com o fenômeno da Topicalização, o que está em concordância com a presença e importância da propriedade informacional-discursiva para a realização do fenômeno.

Já Martins (2013) relaciona o redobro no PE com estruturas de Focalização. De acordo com a autora, um pronome clítico, por carecer de acento, não pode ser o constituinte posto em relevo nas estruturas que envolvem focalização contrastiva. Nestas estruturas, um constituinte pronominal que seja semanticamente um foco contrastivo aparecerá realizado por dois elementos: um clítico (acusativo ou dativo) e um pronome forte, com os mesmos traços de pessoa e número que o clítico, precedido pela preposição *a*. Nesses casos, o pronome tônico duplica o clítico para suprir a sua natureza deficiente. Aqui para além dos

traços informacionais de ênfase e tópico temos o traço contraste operando nessa relação com o discurso.

A Topicalização e a Focalização são fenômenos caracterizados pela colocação de um termo em destaque e podem ser relacionados ao fenômeno do redobro de clíticos, como foi relacionado para a subida de clítico em predicado complexo em Andrade (2010).

Enquanto a Topicalização é uma estratégia sintática que a língua utiliza para pôr em evidência um elemento no contexto discursivo - o constituinte focalizado, que pode ser identificado por ser a parte mais importante/relevante no contexto - a Focalização é, pois, fenômeno de natureza discursivo-pragmática, uma vez que o usuário pode centrar sua atenção a uma parcela do enunciado que julgue relevante, enfatizando-a. Nesse sentido, partes de uma sentença são enfatizadas não só porque são centrais no discurso, mas porque afetam o que o falante diz e o que o ouvinte interpreta (GONÇALVES, 1998, p. 32). Essa noção parece relevante na reiteração de enunciados, como em dados do PC, em que há a subida do clítico e o redobro, para enfatizar o objeto, fato observado por Namiuti; Cruz; Pereira (2017):

(27) Sabia que *me* queria elle matar *a mim*... (Pinto, séc. XVI; p. 59).

Nesse contexto,

um processo envolvendo os traços discursivos de Topicalização e Focalização podem estar na base dos fenômenos (que envolvem o emprego enfático de pronomes) no PC. Também nas outras variedades consideradas, os contextos de redobro parecem se relacionar com os fenômenos da Topicalização e Focalização. Por exemplo, para Martins (2013) a presença da preposição a introduzindo o objeto acusativo redobrado justifica-se pelo conteúdo informacional e do Foco Contrastivo no PE. (PEREIRA, 2018, p. 86-87)

Já no Português Brasileiro, o objeto redobrado também parece ter um valor enfático.

Conclusões

Em conclusão, considerando as observações sobre o redobro de clíticos pronominais entre as variedades comparadas, foi possível verificar que o PB é a variedade que apresenta maior restrição para a ocorrência de redobro de objeto. Vimos que as ocorrências do redobro no Português Brasileiro contemporâneo limitam-se a objetos pronominais de primeira e segunda pessoas que apresentam os traços [+REFERENCIAL], [+ESPECÍFICO], [+DEFINIDO] e [+HUMANO], enquanto no Espanhol e nas demais variedades sincrônicas e diacrônicas do português é permitido também o redobro de objetos não pronominais de terceira pessoa. Somente o Espanhol permite o redobro de objetos [-ANIMADOS] ou [-HUMANOS].

(28) O ônibus *me* fechô *eu* (DINIZ, 2007, p. 49). (Português Brasileiro)

(29) se este he o seu filho Joane de que *me a mim* alguuas vezes fallarom [XV CDP 276:25] p. 27]. (Português Medieval) (CASTILHO, 2006, p. 192).

(30) E que *lhe* importou a *Daniel* esta tão triste interpretação? (A. Vieira; H. do Fut; séc XVII, p. 56) (Português Clássico) (GIBRAIL, 2004, p. 106).

(31) E eles pagavam-*me* também a *mim* (Carrapatelo- Évora, CORDIAL-SIN, CPT36-N). (Português Europeu)

(32) *Lo* vamos a empujar *al ómnibus* (SUÑER, 1988). (Espanhol)

O vamos empurrar *ao ónibus*.

“Vamos empurrar o ónibus.”

Assumindo a proposta de Diniz (2007), testamos, por meio de pesquisa bibliográfica e revisita dos dados, as restrições semânticas propostas por ela, nas cinco variedades aqui estudadas e percebemos que as restrições semânticas variam entre as línguas naturais e que o PB é a variedade mais restritiva semanticamente para a ocorrência do fenômeno. Quanto à restrição sintática, de que o NP deve projetar um nível funcional DP acima da projeção lexical NP, testamos essa restrição para verificar e compreender o fenômeno do redobro e constatamos ser isso um princípio comum entre as línguas analisadas.

Verificamos, também, que é possível analisar o fenômeno pelo viés discursivo, uma vez que os clíticos envolvidos em contextos de redobro apresentam uma relação com a ênfase, com o tópico ou com o foco.

Referências

ANDRADE, A. L. de. **A subida de clíticos em português:** Um estudo sobre a variedade europeia dos séculos XVI a XX. Tese (Doutorado) – Instituto da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

BITTENCOURT, R. L. Apagamento de pronomes clíticos de forma reflexiva. *In:* LOBO, T.; OLIVEIRA, K. (Org.). **África à vista:** dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 138-173. Disponível em: <https://repositório.ufba.br/ri/bitstream/ufba/185/1/Africa%20a%20vista.pdf>. Acesso em: 01 ago.2017.

CARDINALETTI, A; STARKE, M. *The typology of structural deficiency.* *In:* VAN RIEMSDIJK, H. (ed.). **Clitics and other functional categories in European languages.** Berlin: Mouton de Gruyter, 1999, p. 145-233.

CARVALHO, N. F. de. **Semântica gramatical:** a significação dos pronomes. Alfa, São Paulo, 1984. Disponível em: seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/3666/3435. Acesso em: 10 ago.2017.

CASTILHO, C. M. M. de. **O processo de redobrimento sintático no português medieval:** formação das perífrases com estar. 2005. Tese (Doutorado) – Instituto da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CASTILHO, C. M. M. de. Primeiras histórias sobre a diacronia do dequeísmo: o clítico locativo em e o dequeísmo das orações relativas no PM. In: LOBO, T. *et al.* (Orgs). **Para a História do Português Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, Vol. VI, Tomo I, 2006. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/maril014.pdf>. Acesso em: 15 ago.2017.

CHOMSKY, N. **O Conhecimento da Língua**. Sua Natureza, Origem E Uso. Tradução Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

CHOMSKY, N. **Derivation by Phase**. MIT *Occasional Papers in Linguistics*. 18. Cambridge: MIT Working Papers in Linguistics, 1999.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge: Mass, MIT Press. Tradução Eduardo Raposo. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

CORDIAL-SIN – **Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe** (A. M. Martins, coord.). Disponível em: <http://www.clul.ulisboa.pt/en/11-resources/313-cordial-sin-corpus-normalized-transcription>. Acesso em: 05 mai.2017.

DINIZ, C. **Eu te amo você** - O redobro de pronomes clíticos sob uma abordagem minimalista. Dissertação de mestrado. UFMG: Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-7ABNGJ>. Acesso em: 05 mai.2017.

GALVES, C. Do português clássico ao português europeu moderno: uma análise minimalista. **Estudos Linguísticos e Literários**, 19. ed. Salvador: Universidade Federal da Bahia. p. 105-128. 2014.

GALVES, C; FARIA, P. **Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese**. 2010. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/en/index.html>. Acesso em: 14 dez. 2017.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas. Rev. **Est. Ling.**, Belo Horizonte, v .7, n.1, p. 31-50, jan. /jun. 1998. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2182>. Acesso em: 20 dez.2017.

JAEGGLI, O. *Tres cuestiones en el estudio de los clíticos: el caso, los sintagmas nominales reduplicados y las extracciones*. In: FERNÁNDEZ SORIANO, O. (Org.). **Los pronombres átonos**. Madri: Tauros Ediciones, 1993. p. 141-172.

MARTINS, A. M. A posição dos pronomes pessoais clíticos. In: RAPOSO, E. P. *et al.* (Org.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2013. p. 2231-2302.

NAMIUTI, C. Aspectos da História Gramatical do Português: Interpolação, Negação e Mudança. Tese de doutoramento. IEL/UNICAMP, 2008. Orientada por Charlotte Galves.

NAMIUTI, C; CRUZ, R. C. D. da; PEREIRA, S. O papel da semântica e do discurso na sintaxe dos clíticos pronominais: Uma reflexão sobre os fenômenos da subida e do redobro de clíticos na diacronia da Língua Portuguesa. Comunicação na **Jornada do GELNE** (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste) 40 anos. Aracajú, 2017.

NAMIUTI, C; CRUZ, R. C. D. da; PEREIRA, S. O papel da semântica e do discurso na sintaxe dos clíticos pronominais: Uma reflexão sobre os fenômenos da subida e do redobro de clíticos na diacronia da Língua Portuguesa. In: ATAÍDE, C.; AZEVEDO, I. de; FREITAG, R. (Orgs.). **Linguística e Literatura: teoria, análises e aplicações**. Recife: Pipa Comunicação, 2018. p. 1079-1084.

PEREIRA, S.F.S. **Restrições sintático-semânticas do objeto redobrado: um estudo comparativo do redobro de clítico**. Dissertação de Mestrado. – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista, 2018. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppglin/defesas/2018/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Sirlene%20Freire%20dos%20Santos%20Pereira.pdf>. Acesso: 28 fev.2020.

PEREIRA, S.F.S. **Redobro de clíticos em português brasileiro: restrições sintáticas e semânticas**. Monografia (Graduação em Letras). Universidade Estadual da Bahia, Brumado, 2015.

SÂNDALO, M. Morfologia. In: MUSSALIN, F. e BENTES, A. C. (org.) **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, T. **ANIMACIDADE: um estudo entre línguas**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2013. Disponível em: www.letras.ufrj.br/poslinguistica/wp-content/uploads/.../SantosTS.pdf. Acesso em: 25 jan.2018.

SUÑER, M. *El papel de la concordancia en las construcciones de reduplicación de clíticos*. In: FERNÁNDEZ SORIANO, O. (Org.). **Los pronombres átonos**. Madrid: Tauros Ediciones, 1988. p.174-184.